



## Introdução

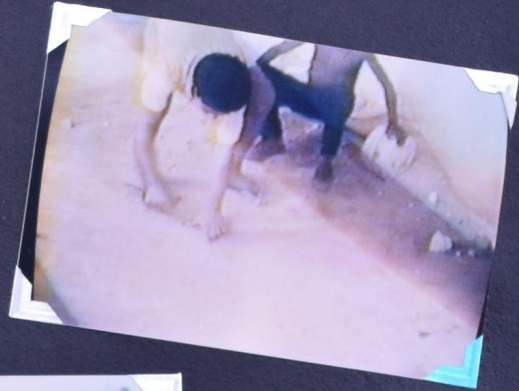
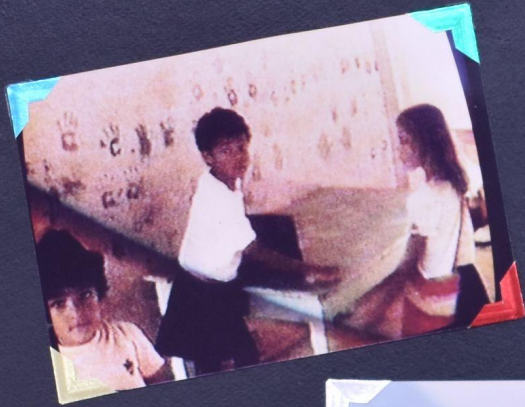
As aulas de alfabetização - socialização de Dona Elisa no Centro Comunitário União Faz a Força, situado na Rua 1 da Rocinha, tem despertado a atenção de vários setores centrados no desenvolvimento da criança.

Bons resultados tem sido obtidos com crianças que anteriormente demonstraram dificuldades no aprendizado nas diferentes escolas da comunidade.

Por esse motivo foi realizado um trabalho de registro com a finalidade de fornecer subsídios para o entendimento do processo alternativo utilizado pela professora. Através da imagem procurou-se evidenciar este método afetivo - corporal - ambiental.

Foram feitas 180 minutos de gravações em vídeo tape (VHS) e anotações durante oito aulas do primeiro semestre de 1986.

O trabalho, solicitado pelo NEAM - Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor foi realizado pelos professores Ana Brauco e José Luiz Ripper do Depto de Artes POC e contou com o apoio da Fundação Padre Leonel Franca desta Universidade.





5 de maio de 1986

Fomos apresentados à turma de crianças que voltava do recreio. Imediatamente vários alunos trouxeram desenhos feitos especialmente para nós. Dona Elisa teria avisado antes a eles que professores da POC fariam uma visita.

Conversávamos, Lipper e eu sobre o barulho intenso, a luz da sala, como seriam as repercussões nas gravações em vídeo, etc..

Foi servido o almoço, carne moída, angu de milho, feijão, as crianças esperavam serem servidas, comiam sobre as carteiras, bebiam suco de fruta, em pratos e canecas de alumínio.

No final da aula conversamos sobre a nossa proposta de trabalho com Dona Elisa, que nos perguntou se havíamos gostado do show! Ficamos surpresos!

Não havíamos percebido que aquela "barulhada" era um show com batucada que teria sido improvisado pelas crianças como uma forma de nos receber.

A sala de aula tem carteiras conjugadas, o fôro do teto com buracos que permitem que a chuva faça marcas pelo chão.

Neste espaço funcionava um clube, ainda restam um balcão, uma pia e uma geladeira que não funcionam.

Um monte de terra no meio da sala tem a função de nivelar o chão quando os tacos de madeira se soltam.

Esse foi o primeiro dia do Ripper na Rocinha, ele observou o trajeto tortuoso, a arquitetura local, os sistemas de ventilação usados, a maneira de construir levantando e determinando os espaços a partir do chão, do existente no local.

Não existem ângulos retos e nem aqueles desenhos poderiam ser riscados por instrumentos. Somente a mão humana é capaz de desenhar daquela forma. Verdadeiras superfícies fracturadas de geometria fractal.

Falamos sobre segurança de subir a Rocinha com equipamento de vídeo. Disse que havia conversado anteriormente com Dona Elisa e que ela teria dito que existem códigos de comunicação na Rocinha onde são identificados as pessoas.

Algumas crianças levantavam uma barra de ferro com pesos de cimento. Pareciam querer mostrar sua força. Ripper explica que aquele movimento é perigoso. As crianças não ligavam para as recomendações, e continuavam.







20 de maio de 1986

Dia claro, céu azul, subimos levando "papel de computador" para ser usado pelas crianças e o equipamento de gravação em vídeo.

Marcelo da Silva se apresenta, diz que tem dez anos diz que começou a estudar com Dona Elisa, mas não sabe há quanto tempo.

Dona Elisa recebe crianças de qualquer idade, independente de "estar matriculada" no Centro Comunitário União faz a força, que funciona em três espaços, sendo que um deles é extensão da casa onde mora Dona Elisa. O outro, é o prédio maior com dois andares onde vários professores comunitários trabalham com as séries mais adiantadas.

Dona Elisa fica com os recém chegados na "Hípica".

Neide de Souza, 12 anos, também nunca estudou antes. "Meu pai deixou minha mãe e levou meu registro, não sei onde ele está".

"Estou aprendendo por enquanto só lesteirinha, ainda não sei escrever meu nome, eu e minha mãe viemos da Paraíba. Meus irmãos não querem vir".

Dona Elisa varre a sala e arruma as cadeiras

agrupando pelo material que dispõe, retalhos de tecidos, massa plástica, lapis cera, giz.

Esse "varre sala" é um momento que marca o intervalo entre as sessões e que vale também como recreio. A aula começa às sete e termina ao meio dia.

Cada sessão tem aproximadamente 20 minutos "eles não aguentam mais do que isso", diz Doua Elisa. São sessões de recorte, colagem, canto, se enfeitam, gritam, escrevem, copiam do quadro, repetição verbal, etc... Essa demarcação não é rígida. Pode ser interrompida ou prolongada pelos motivos mais diversos: a chegada de alguma pessoa, um vento do lado de fora da sala,

Nenhuma criança ajuda na arrumação da sala. Uma hora D. Elisa pede que as crianças saiam da sala e então ela cata o material caído no chão e varre o que não serve mais.

Sobra poeira, resto de retalhos e alguns papéis que não foram considerados. Esse lixo é varrido para fora da sala de aula, caindo na via pública do lugar.

Essa prática, conforme informação de sanitaristas, é uma das causas da erosão.

Doua Elisa chama os alunos de "amigos", "colegas".

Depois que o material é distribuído, por algum tempo se faz silêncio enquanto trabalham.

Esse material fica armazenado numa grande bolsa que Dona Elisa carrega consigo.

A distribuição desse material é feita indiscriminadamente, por todo o espaço da sala. Ela não prioriza nenhum local para distribuição. E tanto as crianças pedem o material quanto ela oferece.

Kátia de Souza, 8 anos, 3 irmãos, já sabe escrever seu nome. Brinca de tapar a boca com pano. Um menino levanta o peso de cimento para chamar a atenção da Kátia que conversa consigo. Ela diz que os meninos menores também sabem fazer isso.

Flavio das Neves, 10 anos, fez até a 2ª série na Escola Paula Brito. A mãe mora em Chapicó e vem na 2ª feira para cá. "Não quero estudar aqui por que só se aprende coisa fácil, eu já sei coisa melhor."

Dona Elisa mostra as "artes" que as crianças fazem, com orgulho, uma menina fez tranças de retalhos de tecido e pendura na sua cabeça.

Roberto não se comunica com facilidade, mas fica sempre por perto.

Dona Elisa - "vós vão fazer tudo que vós quiserem, vão se enfeitar, vão enfeitar os amigos..."

Ela começa essa sessão pedindo que as crianças amarrarem os retalhos no seu braço, faz com isso pulseiras, turbantes na cabeça, laçarotes.

Mauro da Silva, 8 anos - "Ja sei escrever tudo que a gente faz aqui".

Edi, tem 6 anos e trabalha com massa plastica.

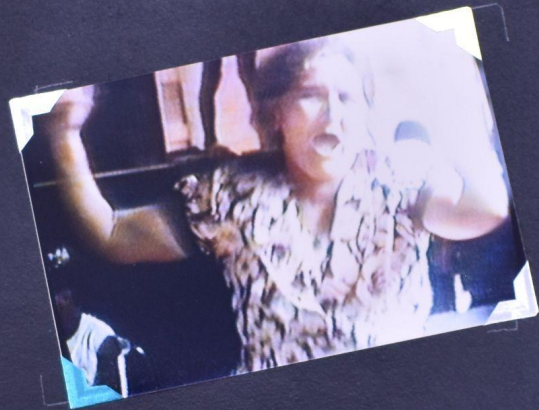
Anderson faz uma espaçonave em massa plastica. Dona Elisa pede que as crianças se afastem para o sol iluminar o objeto.

"A nave vai viajar para o Rio de Janeiro". Dona Elisa, enfeitada com panos e retalhos, aproveita a nave para perguntar sobre a focalização do grupo: para onde ela vai? onde uós moramos que lugar é esse? etc..

Elisio fez outra espaçonave. Joaquim e Alexandre formam uma equipe, um desenha e o outro colore.

Roberto me pergunta se ele vai aparecer na televisão.

Quando começa novamente o "barulho" é sintoma de que a atividade vai mudar. D. Elisa recolhe o material e varre novamente a sala para começarem a escrever.



Um dos meninos batuca com ritmo acelerado, se utiliza da mesa como instrumento. Nessa classe o ritmo do samba está dentro e fora da sala ao mesmo tempo.

Itamar, 6 anos, nasceu no Ceará "eu mais a minha mãe ficava no Ceará, depois meu pai mandou buscar a gente. O nome do meu pai é Raimundo." (parece um indiozinho, de olhos amendoados, vivo, esperto)

"só tenho uma irmã pequena, meu irmãozinho morreu no hospital".

(acaba de dar um soco no colega ao lado, tira a camisa para brigar, fica feliz com isso).

A metade de uma mesa de ping-pong é o quadro negro da escola, onde D. Elisa escreve um a grande e repete quatro vezes, enquanto distribui papel para a turma.

D. Elisa - Como é o nome dele? (aponta para a letra) a, quase todos responderam juntos.

- Como é o nome dele? (aponta para a letra) o, as crianças respondem.

Dona Elisa assoa o nariz de uma criança com o papel que ela escrevia.

Claudio Miro veio de Campos há pouco tempo. Manuela, 10 anos, nasceu em São Luiz do

Maranhão, veio com a tia, a mãe ainda mora lá. Já escreve seu nome, diz orgulhosa.

Sheila, 7 anos, nasceu em Campo Grande. Paulo, não sabe dizer quantos anos tem, sabe dizer que é do Ceará.

Vanderleia, 7 anos, já sabe escrever o nome, tem 4 irmãs, moram todos juntos aqui na Rocinha. Estava churrosa, ainda molhada do banho.

Vandisson, 8 anos, gosta de modelar massinha, não gosta de trabalhar com barro.

Marcia, 7 anos, já escreve o nome, estuda pela manhã com D. Elisa e a tarde numa escola no Joquei na 2ª série.

Ao arrumar a sala Dona Elisa recolhe todos os objetos feitos com a massa de modelar, guarda na bolsa, transformando-os novamente em material para ser distribuído na próxima aula.

Barbara chega as 11 horas.

Enquanto a professora desenha as letras no quadro negro fala:

"Amigo... como é o nome dele?"

desce, sobe, é o P"

Vai até as crianças, um por um, dando lápis, olhando o papel, acomodando quem chora, etc..

5

6

Uma criança ehupa e ana enquanto olha para Dona Elisa escrevendo no quadro "cada um vai fazer dez vezes cada letra", Dona Elisa tambem faz no quadro as dez vezes.

D. Elisa canta os numeros perguntando pelo numero seguinte, as crianças gritam o numero seguinte respondendo e com isso elas se acalmam para continuar a escrever as letras.

Itamar ainda não senta para escrever, pula, batuca na mesa e me responde que não quer escrever quando pergunto.

"no quadro agora os três morrinhos, o m".  
as crianças copiam.

"no quadro agora é papai".  
elas lêem e copiam.

Chega a comida, arroz, feijão e galinha ensopada, tão cheirosa que fico com fome.

Almoçamos e assistimos uma revista geral: Dona Elisa organiza uma fila e revista a bolsa de cada criança a procura de um apontador vermelho que um dos alunos procura.



A perda de um objeto é uma situação difícil de ocorrer, pois as crianças que trazem bolsas carregam sempre consigo seus objetos, mesmo durante o recreio.

Dona Elisa desempenha vários papéis além de professora: amiga, pessoa da família, elemento centralizador de comunicação, apoio a questões de segurança, assistência social, etc...

O cachorro come os ossos das galinhas que as crianças jogam no chão entre as carteiras.

Uma das meninas está com uma faca presa à cintura, conhecendo os antecedentes dessa situação, Dona Elisa considera o fato como um sintoma de desequilíbrio.

Ao encerrarmos aquele dia, Dona Elisa comenta que um engenheiro teria ido lá, ficou o dia inteiro com ela observando seu trabalho e depois queria "enquadrá-la". Sinto que fez uma analogia com a situação vivida conosco.

Na saída encontramos com Ana Lucia, sua filha, quando combinamos de mostrar o que foi gravado na televisão de D. Elisa.





27 de maio de 1986

Levamos o nosso equipamento completo de vídeo, tanto o de gravação, quanto o de transmissão. Isso porque tínhamos combinado com as crianças que elas iriam se ver na televisão.

Tentamos localizar um aparelho de TV que pudesse ser empurrado. Ana Lucia trouxe um aparelho que transmite em preto e branco.

Desligamos a geladeira da escola, e tentamos fazer uma ligação no vídeo.

As crianças gritavam excitadas e ansiosas pelo que poderia acontecer. Estavam todas amontoadas numa das salas do prédio do Centro Comunitário.

Não conseguimos fazer com que a TV transmitisse as imagens gravadas.

Foi uma frustração geral. Combinamos então um encontro na PUC onde poderíamos assistir as gravações.

Voltamos carregando aquele peso... não somente do material, mas das frustrações de nós todos.

10 de junho de 1986

Quando chegamos as crianças estavam no recreio. Aproveitei para jogar bola de gude no pedaço de terra que fica dentro da sala de aula. Os meninos gostavam quando eu acertava. Um deles joga a camisa do outro num buraco que fica no teto da sala.

Enquanto isso, outro brinca com um pedaço de espelho refletindo um raio de sol. Esse efeito é conseguido naturalmente quando o sol penetra por algumas frestas das paredes ou do teto da sala de aula. Produzindo no ambiente interno um jogo de luz estimulante, pelos contrastes de claro e escuro, semelhante aos efeitos teatrais.

As arquiteturas escolares não tem considerado a luz como elemento de estímulo. Procurando ao contrário uma uniformidade luminosa. O que coincide com a uniformidade da aula convencional.

Dona Elisa acaba de varrer, e prepara várias atividades para serem trabalhadas simultaneamente. Uma com tinta, cola plástica, pó de café usado, serragem, etc... Outros com retalhos de tecido e outros com massa plástica.

Anderson faz hoje um revólver com massa plástica.

As crianças estão tão envolvidas com as atividades, que permitem que a ajudante sirva os pratos de comida, coloque na frente delas e muitos continuam a fazer os trabalhos sem perceber a chegada do almoço.

Alguns materiais utilizados devem ser devolvidos após o uso (massa plástica e lapis, por exemplo).

O revólver que foi modelado em "massinha", em tamanho natural, foi alvo de interesse de algumas crianças, por isso quase foi levado para casa.

Dona Elisa explica que a massa deve voltar para uso de outros. Wanderson entrega o objeto.

A forma desse revólver é bem semelhante ao objeto. Demonstrando uma familiaridade dessa criança com a arma. O caço do revólver termina com a forma penetrante de uma bala.

Manoel não tem vindo as aulas nos últimos dias, vem hoje e Dona Elisa sente com disponibilidade para identificar a causa das ausências. Descobre que o menino está faltando porque tem estado ocupado com as atividades que a família tem solicitado. Buscar água por exemplo.

Dona Elisa propõe conversar com o seu pai, para

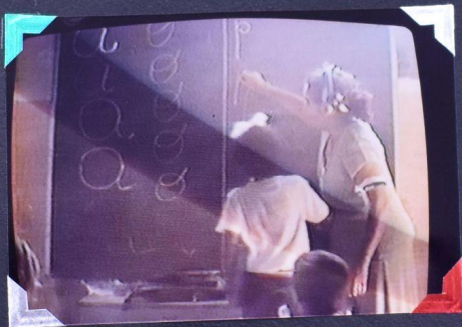
que ele possa ficar o dia inteiro na escola,  
onde terá chance de estudar e brincar.  
Ela pergunta: "o que você acha da ideia?"  
O menino fica constrangido em responder.  
Enquanto isso Flavinho sobe no fóro da sala  
para apanhar a camisa que foi jogada no  
buraco feito pelo tempo na madeira do teto.  
Dona Elisa grita, avisando do perigo, que pode  
ocorrer algum acidente pois a madeira está  
toda apodrecida.

Enquanto as crianças recolhem o material, Dona  
Elisa conversa comigo explicando sua metodo-  
logia de trabalho. Diz que recebe quem quiser  
entrar na escola, seja criança, bebê, bandido,  
velho, o que for.

Essa liberdade proposta por ela, se estende, ao  
modo de vestir. Por exemplo, é comum crian-  
ças sem camisa, descalças junto com crianças  
calçadas e penteadas.

Explica que dois ou três já sabem ler "apesar da  
bagunça" que ela faz.  
Outros sabem ler somente pela "visualização", mas  
não articulam o pensamento conjugado à imagem.

"O pa, pe, pi, po, pu por exemplo, não está sendo apun-  
tado mecanicamente, só repetido, sem saber que  
o pé, é o pé da gente."







8

- "Primeiro eles escrevem os "três morinhos" (m) depois eles aprendem o som dos "três morinhos", aí eles vão fazer "mamãe" por exemplo."

Dona Elisa diz que essa coisa bem "pirada", bem cheia de "molequeira", é para fugir da "coisa mecânica", do aprendizado repetitivo sem consciência.

Nesse espaço onde as crianças têm aula durante o dia, à noite são espalhados alguns retalhos de tapete e tecidos, que servem para abrigar meninos de rua.

Dona Elisa explica que nesse processo educativo por mais conceitos que se tenham desenvolvido e que na realidade deve ser entendido e valorizado é a resultante da ação.

- "Não é nem o que você está pensando e nem é o que eu estou pensando, o que importa mesmo é o que vai acontecer aqui."

- "Aqui a gente vai ter ideia juntos."

Fala com carinho dos meninos de rua que ela abriga nesse espaço, diz que se pudesse seria mãe de todos. Fica indignada de algumas mães só procurarem os filhos de volta, quando estes já estão trabalhando.

Enquanto conversávamos, outras crianças brincavam com caixas de ovos vazias amarrando com pano e transformando em vários brinquedos.

Essa liberdade que as crianças tem para improvisar no espaço de aula, talvez se relacione com o que Dona Elisa disse anteriormente: o trabalho acontece a partir da prática conjunta.

11 de junho de 1986

As crianças assistem pela televisão o que se gravou até hoje. Apontavam e exclamavam emocionadas:

- A tia Elisa, Marcelino, a Fabiana desenhando o ninho!
- Olha lá o Sausão!

Estão reconhecendo, apontam e riem muito quando reconhecem e identificam as pessoas.

- O Joãozinho, o Joãozinho!
- Aquele nenê ali com a mesma camisa vermelha!

Fazem silêncio agora, somente algumas observações individuais:

- Alá a Poliana!
- a Katia!
- o Itamar!
- olha eu!
- não vai passar eu!
- Olha lá você Fabrinho!
- Olha o Anoz!

O som da televisão não é identificado, somente a imagem é valorizada e reconhecida.

Dona Elisa fica de frente para as crianças, para poder perceber melhor o que se passa com cada uma delas.

- Olha aquela mãe esperando a comida!
- Olha o João, o cachorro, ali o cachorro apareceu!
- eu, você e a tia jogando bola de gude!

Pista reclama comigo: "Estou chateado porque não apareci na televisão".

Quando as crianças chegaram na PUC para assistir pela televisão do Depto de Artes as gravações feitas, a Katia pergunta se eu morava aqui.

Isso demonstra o entendimento que essas crianças têm da sociedade integrada em que vivem.

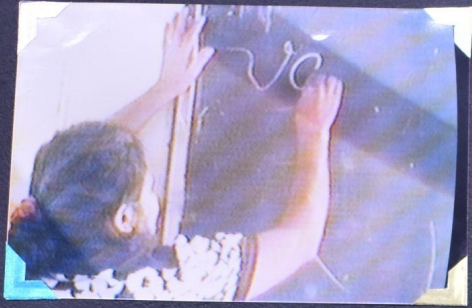
A escola está "dentro" da casa e vice-versa assim como o botiquim, o bilhar, etc... A "rua", e na Rocinha fator integrador, une os espaços estendendo suas funções. Por ex., o recreio da escola acontece na rua. Assim é com a loja, com as moradias, etc..

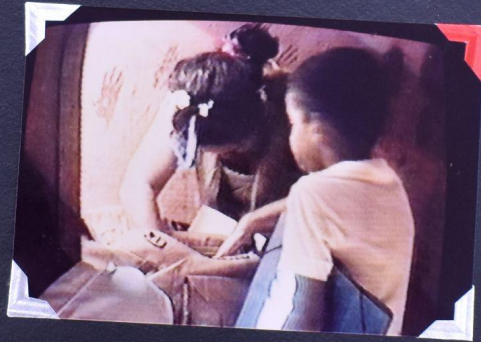
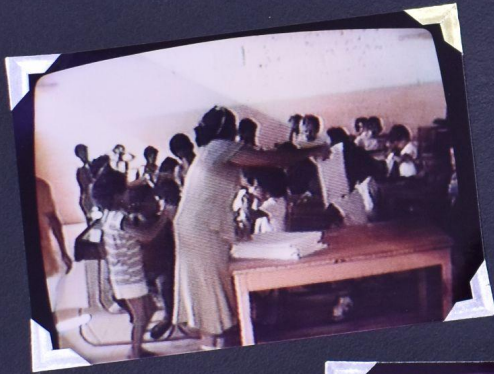
Essas características de utilização do espaço, em termos de convivência, são opostas as existentes por exemplo na atual Av. Chile, onde o espaço é fortemente segregador, fator que colabora para a insegurança pessoal.

Quando a imagem do vídeo se repete (por ex. Dona Elisa replicando o processo de trabalho) as crianças se desinteressam em olhar.

Lipper acelera a fita do gravador para que a imagem passe mais rápido, as crianças reagem dizendo que "vai estragar", "vai queimar a TV".

Essa observação evidencia uma familiaridade em relação a objetos de manuseio mecânico, onde o acelerar provoca um desgaste a partir do atrito. É ao contrário, demonstra pouco contato com objetos eletrônicos.





- O mesmo vestido da tia Elisa!  
Reconhecem quando vlem na tela e no corpo de  
Dona Elisa vestido hoje.

Agora as crianças já nem se divertem ao ver a  
sequencia de imagens na tela da TV passando  
para frente ou para trás acelerado.

Dona Elisa levanta o "peso de cimento" e as crianças aplau-  
dem. Isso só aconteceu diante da tela. Em sala  
elas não se manifestam quando alguém levanta  
o peso.

Assistiram comentando durante uma hora, depois  
desse tempo começaram a manifestar outros  
interesses.

Os cantos coletivos da sala de aula, são acompa-  
nhados pela plateia durante a apresentação.  
- Samba-lí-lí... etc...  
Outras ações ou falas individuais não são  
repetidas pelas crianças.

Dona Elisa propõe um intervalo ao perceber  
a inquietação.

As crianças preferiam correr pelos "planos  
horizontais" debaixo das árvores da Avc.

Essas crianças costumam brincar e correr em



planos inclinados. A situação relacional entre duas pessoas num plano inclinado e num plano horizontal é diferente. Percebemos que na primeira situação existe um aproximação de maior aproximação.

17 de junho de 1986

Dona Elisa comunica a morte da mãe da Autouia. O corpo acaba de descer, passando pela porta da sala de aula. Diz a heide que é a mãe da Autouia, uma menina muda.

Hoje, quando subimos, passamos por uma pessoa idosa caída no chão na entrada da rua, parecia uma crise epilética.

Durante as gravações, Ripper pára de filmar para fazer uma massagem na cabeça de uma criança que levou uma pancada.

Recebo um desenho e peço que escreva seu nome, Jorge diz que ainda não sabe escrever. Seguro sua mão e treinamos pontos como fazer.

Dentro da sala de aula existe um espaço intermediário que recebe pessoas curiosas que assistem à aula como ouvintes.

Esse espaço fica na entrada, abrigado lateralmente por um balcão antigo de bar. Doua Elisa diz que é assim que ela "pega" as crianças para a escola.

Hoje D. Elisa distribuiu os móveis na sala de maneira diferente da usual: separou três grupos de carteiras. Um em círculo, outro formando uma grande mesa com cadeiras em volta, e outro com carteiras enfileiradas diante do "quadro negro".

Os meninos da mesa recortavam e colavam, os das carteiras usavam massa plástica para modular. Nenhuma criança ocupou as carteiras em círculo. Onde então eu fiquei.

Essa ordenação dos objetos na sala corresponde a uma intenção de Doua Elisa de organizar a aula conforme o desejo dos vários grupos que ela identifica a partir das motivações e das "fases" de cada criança.

A "técnica da aula hoje foi a seguinte: Doua Elisa deu um tema: "O assunto hoje é Floresta", e a partir das ilustrações contidas em revistas usadas, as crianças identificam figuras que remetem a ideia que fazem sobre o assunto. Recortam e colam em papel.

A partir das imagens selecionadas Doua Eliza  
conversa sobre a Florista.

Não percebemos uma intuição de Doua Eliza em  
transferir técnicas das operações que solicita  
aos alunos. Por exemplo, como usar a cola ou  
fixar as figuras recortadas. Maneiras de recor-  
tar ou a utilização da massa plástica.

É interessante observar que Doua Eliza é costu-  
reira possuindo portanto habilidades artesanais.

Escuto uma pancada violenta, são dois meninos  
brincando de brigar ou brigando de brinca-  
deira, não descobrimos ainda.

Desculro que o Itamar busca sempre essas lutas,  
brinca com o corpo, dando pancadas fortes  
aparentemente sem agressão, com a fisiono-  
mia calma.

As crianças voltam do recreio, isto é, da entra-  
da da sala e de um corredor lateral onde  
jogam bola de gude e se "embolam".

Doua Eliza grita pela turma, um grito longo  
que funciona como sirene, campainha ou  
sino... "uuiuh turmaaahhhh...".





12

Ela canta com as crianças, o som bastante alto, parece que é para ajudar a sair as coisas de dentro do peito...

- "Eu vi uma barata na cauca do vovô..."

- "Samba-lé-lé tá doente..."

Ganho uma cabeça de pato em madeira da Tátia, serve para enfeitar minha caneta-tesoura que tem também um passarinho, mas que o pato foi "comprado" o outro foi achado, por isso ela quer me dar o pato.

Dona Elisa nunca pede silêncio, usa alguns recursos quando quer ser ouvida. Fala mais alto do que o som ambiente ou bate palmas para sublinhar sua intenção.

Começo a ouvir um barulho de vento... e dona Elisa escrevendo a letra V no quadro e simultaneamente fazendo seu barulho. Caminhando pela sala, fica bem pertinho do rosto de cada criança, reproduzindo a vibração da letra. Uma por uma.

Propõe juntar a letra V com a letra A, as crianças conversam, gritam e não se interessam pela proposta.

Dona Elisa pergunta se elas querem aprender

a ler ou gritar. Elas respondem gritando o que querem. Doua Elisa então grita junto com as crianças, bem alto!

Enquanto D. Elisa rege a gritaria se desloca de um lado para o outro como faz um animador de televisão. Aliás esse comportamento de "animador cultural" de Doua Elisa acontece normalmente durante todas as aulas.

- "Samba-lé-lé tá docute"... cantam gritando
- "Como pode um peixe vivo viver fora d'água fria"...

Barbara, 7 anos, ainda não sabe ler e nem escrever, mostra seu caderno onde estão escrito alguns "palavrões", que ela não lê.

Continua o canto... - "Terezinha de Jesus deu uma queda foi ao chão..."

Chega a comida, arroz, feijão, carne assada, abóbora. Doua Elisa diz que hoje as crianças estão muito agitadas.

- "Quem não sentar não vai ganhar comida".
- A comida está chirando a sala toda.

Doua Elisa, depois do almoço, organiza um "coral". Pede que algumas crianças se coloquem lado a lado.

Ela de cócoras rege esse coral. Também dança se abraçando com cada uma das crianças.

Revendo as imagens gravadas, percebemos que apesar das aulas acontecerem diariamente não ocorre uma repetição formal, e que talvez seja por isso que a fisionomia de Dona Elisa aparenta sempre um bom humor e uma excelente disposição física ao lidar com as crianças.

5 de agosto de 1986

Hoje as crianças estão sentadas em círculo no chão da sala. Dona Elisa pergunta a cada uma delas se elas desejam ir para a primeira série, ou melhor, se sentem que já podem ir. Algumas respondem que sim quando ainda não podem ir. Outras dizem que não quando já devem ir.

Dona Elisa explica que algumas crianças não querem ir para a primeira série porque preferem a "bagunça" da turma dela.

As crianças são esclarecidas sobre quem vai para a primeira série e porquê, e quem deve ficar no Círculo e porquê.



Pergunta também sobre quem vai poder conversar com a mãe para comprar o livro da primeira série.

Depois desses esclarecimentos propõe que se faça uma despedida, canta "Adeus amor eu vou partir para sempre levaremos boas recordações das molecuquinhas..."

Separa os grupos e posiciona um de frente do outro. O grupo dos que vão para a primeira série e o grupo dos que continuarão no CA.

- "Coliu vocês querem que seja a sala da 1ª série?"
- "Bouitona, tudo arrumado!"
- "Foi ruim aqui?"
- "Não"
- "Vão lembrar das brincadeiras?"
- "Vamos"
- "Carinho, como vai ser o nosso ano? Trabalhando e brincando."
- "Vamos cantar bem forte para despedir?"
- "Tereziinha de Jesus... tanta meiuina bouita, tanto rapaz bestalhão..."

As meiuinas de um dos lados escolhe um par do outro lado para ir a uma festa.

"Vamos se infectar para fazer a despedida"... panos, retalhos amarrados fazem os enfeites.





44

Raimundo vem me falar que não quer sair daqui.  
Ozana quer ir para a primeira série.  
- "Quero ver quem está mais bonito!" diz D. Elisa.  
A sala agora está com retalhos espalhados pelo chão, pelas mesas, pelos corpos, cabeças etc...

- "É nossa despedida, você vai dançar Poliana? e você vai apresentar a capoeira."  
Os meninos lutam como se mostrando, fazem isso buscando a nossa aprovação.

Rosilene não quer ir para a outra escola, mas avisa que voltará aqui de vez em quando.

Dona Elisa, de brincadeira, pede as crianças que falem comigo sobre a ida para a primeira série ou sobre a permanência no CA. Com isso todos chegam e manifestam seu desejo.

Poliana não quer ir, prefere ficar. Diz também que seu irmão não vai.

Uíde quer ser aluna da tia Rosilda porque ela "passa conta".

Me infecto com os retalhos. Os meninos se aproximam para que eu os infecte, começo e eles continuam.

- "Quem vem dar o show"? os artistas desse lado!"  
Dona Elisa e o Zíueca se infectam com os retalhos dizendo que são os noivos, deixam o morro com as crianças e os cachorros gritando atrás.

As pernas que estão passando participam do cortejo dando passagem.

Dona Elisa subliúria essa despedida com bastante intuição, esse é um dia importante!  
A cada momento repete que aquela festa é para despedir do Aciúlo e ir para a primeira série.

Todos fantasiados dançam juntos, como num ritual (de passagem). Ela sensibiliza as crianças para esse momento de travessia, evidenciando que elas devem ser lembrados.

2 de setembro de 1986

O tempo tem andado chuvoso, e tanto eu quanto D. Elisa estamos resfriadas. Diz ela que foi por causa do ambiente dessa sala, muita poeira...

Agora a sala está com os menores, os que permaneceram no Aciúlo.  
-Cocoro-co! Cocoro-co!, um galo canta do lado de fora, um cachorro late respondendo. Dentro da sala as crianças recortam ora com tesoura ora com os dedos o corpo de um boneco em papel.  
Os retalhos usados na semana anterior estão amontoados num canto da sala.

15

Diz D. Elisa que há muito tempo não tem o prazer de alfabetizar um grupo de crianças. Porque ninguém quer fazer o que ela vem fazendo: promovendo o trabalho em conjunto, "docilitando", fazendo as pazes com a escola.

Diz também que essas crianças que ficaram são as mais fraguinhias em todos os sentidos, com a vida mais difícil, etc..

Dona Elisa percebeu que é preciso organizar, promover brincadeiras com terra, água, etc. uma vez que muitas dessas crianças ficam em casa tranca-das vendo televisão enquanto os pais saem para trabalhar.

As crianças hoje estão silenciosas. Com isso Dona Elisa caminha entre as carteiras, segurando na mão de cada um, ajudando-os a escreverem seus nomes. Eles devem repetir o movimento proposto por ela.

Dona Elisa quer estimular o brincar entre essas crianças. Brincar é diferente de "molecar" por ex. quando se brinca, você representa um papel, você "vira" outra coisa, quase que um teatro. A molecagem não é assim, você é quem faz a ação. Tem uma relação direta com a expertise, com o "levar vantagem".

"Cultura do combaladão, moral do malandro".

No final da aula Dona Elisa nos propôs que se filme as crianças desenhando as letras e que depois solicitamos que elas façam o reconhecimento não somente de quem fez a letra, mas qual a letra desenhada. Com isso Dona Elisa mostra que incorporou o vídeo como um dos materiais disponíveis no seu contexto e se utiliza dele com liberdade.

Chega uma sopa de galinha, onde eu ajudo a servir, parece muito gostosa, várias crianças pediram para repetir.  
Outras pessoas chegam nessa hora para almoçar. Dona Elisa convida-os para uma reunião onde será discutido o problema da "água sanitária" que foi misturada ao água potável da escola.

16 de setembro de 1986

Quando chegamos estranhamos não ver o movimento das crianças.

Durante a subida paramos diante de uma pessoa que construía uma parede de tífolo bem colada a uma outra parede, que, dizia ele já está enfraquecida pelo tempo de uso. Nos explica que construía dessa forma porque morava naquele espaço e sendo assim a família não ficava







16  
desabrigada - E quando a parede de fora ficasse pronta ele então demolia a parede interior.

Essa foi justamente a contradição denunciada quando vimos a escola destruída e desmobilizada!

A Secretaria de Desenvolvimento Social vem há quatro anos prometendo restaurar a escola - nessa segunda-feira iniciou as obras sem aviso prévio, durante o período escolar, sem permitir que as professoras sequer avisassem as mães ou pudessem juntas buscar soluções alternativas provisórias.

Com isso souo Elisa muito triste, de fisionomia abatida mais uma vez se lamentava e esse lamento foi crescendo a medida que outras professoras se juntavam a ela.

Demoliram simultaneamente todas as salas, não deixaram nenhum espaço habitável - parecia uma "água quente em formigueiro", tudo desmobilizado, desarticulado e enfurecido. Somente a cozinheira improvisadamente trabalhava, por que teria sido uma exigência do grupo de obras que os operários tivessem a alimentação assegurada pela merenda escolar. - "E as nossas crianças vão comer o quê e onde?" diziam aos gritos.

Pensam por que somos pobres podemos comer no  
clubeiro comida cheia de poeira?"!

O Clube Comunitario, recebe igualmente a outras esco-  
las municipais, alimentação para os alunos. E  
em muitos casos, essa é a principal refeição do dia.  
A desmobilização privou muitas crianças desse  
alimento.

Rosilda, professora da escola, surpresa com o fato  
do governo querer "inaugurar" a escola.

- "Ora se é inaugurar significa que não existia!"  
Definindo que o entendimento de escola para  
os governantes é simplesmente o edifício - o prédio!  
É não o trabalho que vem sendo desenvolvido  
por elas com as crianças há muitos anos.



